

# Infohabitar, Ano X, n.º 486

## Nota inicial:

O artigo que se edita esta semana corresponde a parte da intervenção do autor no Ciclo de Conferências: “Silêncio”, realizado em conjugação com a exposição de fotografia e de pintura de Alves Tê e Caterina Ponti, patente no Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, sobre a temática "O Silêncio das Máquinas", de 8 de maio a 29 de junho.

Este Ciclo de Conferências foi organizado pelo Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura (DECA) da Universidade da Beira Interior, nos dias 13 e 20 de maio de 2014, na sala de conferências do Museu de Lanifícios da UBI.

Organização: Prof.<sup>a</sup> Ana Martins, Prof. Moreira Pinto e Prof.<sup>a</sup> Susana Santos

## **O Silêncio e a Arquitectura: da socialização às ruínas**

**O silêncio e a Arquitectura : o silêncio como quadro de de intimidade e socialização, matéria da arquitetura, "assunto" das ruínas**

António Baptista Coelho

### **O silêncio como veículo de intimidade e de urbanidade**

Falou-se, um pouco, do enquadramento do silêncio como matéria da própria conceção arquitetónica básica e, em seguida, do mesmo silêncio como qualidade natural, ou da natureza, associada a múltiplos aspetos do conforto, e por sua vez matéria da referida conceção arquitetónica; e assim até parece que não nos conseguimos dele libertar; mas há ainda e naturalmente outras perspetivas a considerar no silêncio como quadro base de arquiteturas e pano de fundo do habitat humano, e nestas uma há cuja importância é basilar e que se refere ao **silêncio como veículo de intimidade e de urbanidade.**

Nesta matéria é extremamente interessante, por um lado, encarar a possibilidade de viver o espaço doméstico com relativa autonomia em termos de vivência acústica, não prejudicando vizinhos e familiares com os nossos ruídos e músicas e não sendo muito prejudicados por eles pelas mesmas razões, e diz-se relativamente, mas poderia dizer-se absolutamente, em termos de determinados espaços onde possa ser realmente possível ouvir música alto ou trabalhar sem limitações de ruído pela noite fora; e engana-se quem acha ser de pouca importância o fator do silêncio no quadro mais amplo da essencial privacidade doméstica e entre vizinhos do mesmo edifício ou de edifícios próximos; e está, por exemplo, provado que a falta de silêncio, que também se pode dizer falta de isolamento e conforto acústico, é aspecto que produz problemas graves e/ou frequentes entre vizinhos e habitantes das mesmas unidades de uso (por exemplo, habitações e escritórios) e dos mesmos edifícios, podendo chegar a más influências na respetiva saúde física e psíquica, e indiretamente no bem-estar social dos respetivos edifícios e vizinhanças.

Ainda nesta matéria da associação entre silêncio, intimidade e urbanidade, é, por outro lado, necessário referir que ao nível do espaço urbano também a quietude e o sossego são sinónimos de bem-estar, de proteção, de uma certa intimidade e apropriação positiva das vizinhanças que habitamos, e se referem ao desenvolvimento de espaços urbanos que articulam zonas animadas e relativamente ruidos, com recintos urbanos estrategicamente localizados e marcados pelo sossego e pela acalmia do tráfego, recintos estes frequentemente caracterizados por uma expressiva componente verde e natural, ainda que muito urbana, e que entre outros aspetos nos proporciona viver mais intensa e prolongadamente o exterior à porta de casa, de certa forma prolongando usos domésticos sobre partes desse exterior e permitindo que esse exterior calmo e envolvente, e mesmo esse silêncio que, de certa forma, "se ouve", preencha as janelas das nossas habitações e nos entre agradavelmente casa dentro.

Falou-se, assim, um pouco do silêncio como fator de projeto de arquitetura, algo óbvio mas raramente lembrado; depois do silêncio natural ou da natureza como elemento com importância própria e associada ao projeto de arquitetura; e, finalmente, do silêncio como veículo de intimidade e de urbanidade



Fig. 01

### **Sobre o silêncio como verdadeira matéria ou motivo da Arquitetura**

Falta falar de muita coisa, nesta temática do **silêncio como base de preparação e de vital experimentação do espaço que se projeta e que, depois, se quer vivo**, falta sempre falar de muita coisa, quando começamos a aprofundar estas matérias da conceção arquitetónica, e, designadamente, **falta falar do silêncio como verdadeira matéria ou motivo da Arquitetura**, sem derivações, sem relações indirectas, pois parece haver obras que capturam um positivo silêncio local, ou que criam um positivo quadro local de acalmia e de sossego, quadro que

propicia a contemplação e a reflexão sobre essas obras e as suas paisagens pormenorizadas ou amplas de integração e enquadramento.

Ou será que tal condição, de certa forma, geradora de um sossego local, de uma certa acalmia local, grande aliada da boa caracterização de cada obra e de cada local é característica própria de toda a boa arquitectura?

Questões bem estimulantes, que talvez tenham sido, ou venham a ser, aqui tratadas e que espero poder aprofundar em outras oportunidades.



Fig. 02: Casa Pacheco de Melo, Arq.º Pedro Maurício Borges, Canada dos Barões, S. Miguel.

### **Sobre o silêncio das ruínas**

No entanto não poderia terminar esta reflexão sobre arquitetura e silêncio, sem falar, ainda que apenas um pouco, e mais como apontamento final, do silêncio das ruínas, um silêncio palpável, que todos sentimos; e de certa forma será como falar do silêncio libertado pelas ruínas de edifícios e construções quando estes iniciam o seu retorno ao caos natural originário.

Lembrando a sequência de reflexão aqui feita será como imaginarmos que o silêncio, que usamos como meio integrador e caracterizador de uma obra, e um pouco como ponte de ligação à sua envolvente natural e urbana, é devolvido ao quadro prévio local e natural.

Sobre esta matéria, parece que as ruínas acabam por resgatar o silêncio, de que tínhamos, nós, embebido algumas construções e espaços, devolvendo-o à natureza, associando o silêncio das construções abandonadas ao silêncio do meio natural.

Evidentemente que a nostalgia e até a cenografia são também importantes aspetos nesta sensibilidade que todos temos para com as ruínas, por vezes até simuladas estrategicamente em jardins, mas por alguma razão até assim acontece e realmente as ruínas são verdadeiramente silenciosas; uma matéria interessante e estimulante, mas que tem contornos bem negativos quando as ruínas se referem a espaços urbanos abandonados e sem vida.



Fig. 03

## **O silêncio na Arquitetura**

E assim se conclui uma pequena viagem iniciada pela reflexão sobre o silêncio como base de preparação da obra de arquitetura, continuada por apontamentos das relações entre silêncio e meio natural e entre sossego, intimidade e urbanidade; considerou-se, depois, o papel do silêncio como matéria ou motivo da Arquitetura e, finalmente, apontaram-se as ruínas como quadros privilegiados de um silêncio arquitetónico fortemente caracterizado.

Tentou-se, assim abordar, tal como era sugerido, o mundo emotivo do silêncio, em alguns dos seus aspetos, salientando-se a importância da interiorização e da reflexão sobre estas verdadeiras bases de reflexão sobre uma arquitetura que está muito para além das simples cascas visuais mudas e sem carácter.

**Infohabitar a Revista do Grupo Habitar**

**Editor: António Baptista Coelho**

**Grupo Habitar (GH) - Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional**

**Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do LNEC**

**Edição de José Baptista Coelho**

**Lisboa, Encarnação – Olivais-Norte**

**Infohabitar, Ano X, n.º 486, 1 de junho de 2014**

**Etiquetas:** arquitetura da beira interior, Arquitetura da UBI, Arquitetura na Covilhã, AUBI, conferências na covilhã, Covilhã, silêncio e arquitetura, Universidade da Beira Interior.